

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IN MEMORIAM WILLIAM HURT
9 e 12 de maio de 2022

BODY HEAT / 1981

(*Noites Escaldantes*)

um filme de Lawrence Kasdan

Realização e Argumento: Lawrence Kasdan / **Fotografia:** Richard H. Kline / **Música:** John Barry / **Montagem:** Carol Littleton / **Som:** Maury Harris / **Intérpretes:** William Hurt (Ned Racine), Kathleen Turner (Matty Walker), Richard Crenna (Edmund Walker), Ted Danson (Peter Lowenstein), J.A. Preston (Oscar Grace), Mickey Rourke (Teddy Lewis), Kim Zimmer (Mary Ann), June Hallaren (Stella), Lana Saunders (Roz Kraft), Carola McGuinness (Heather Kraft), Michael Ryan (Miles Hardin), Larry Marko (Juiz Costanza).

Produção: Ladd Company, para Columbia-EMI-Warner / **Produtor:** Fred T. Gallo / **Cópia:** digital, cor, legendado eletronicamente em português, 113 minutos / **Estreia Mundial:** Agosto de 1981 / **Estreia em Portugal:** Quarteto e Terminal, a 30 de Setembro de 1982.

Foi Philippe Lyotard quem chamou ao Ocidente pós-industrial desenvolvido o mundo "pós-moderno". Linda Hutcheon na sua *Teoria da Paródia* afirma que uma das suas características pode ser, hoje em dia, *"uma falta de fé em sistemas que requerem validação extrínseca"*, para justificar a existência desse fenómeno, a paródia, em todas as artes, que não sendo exclusivo do século XX, aqui encontra uma expressão mais significativa. E acrescenta: *"O mundo moderno parece fascinado pela capacidade que os nossos sistemas humanos têm para se referir a si mesmos num processo incessante de reflexividade"*.

Este "virar-se para dentro", esta forma de *plagiarism* encontrou no cinema, em particular nos anos 80, uma manifestação particular, em filmes que investem nas referências acumuladas pelo espectador (e pelo realizador) do cinema do passado. Não se trata, ao contrário do "movimento" aparecido nos anos 60, de uma manifestação de "nostalgia" de que o paradigma é **Bonnie and Clyde** de Arthur Penn, embora ela tenha uma boa fatia desse investimento. O que esse cinema procura é estabelecer um *"diálogo com o passado"*, ainda segundo Linda Hutcheon (ao referir-se aos trabalhos de arquitectos como Paolo Portoghesi, Robert Venturi e Charles Moore), numa espécie de imitação, *pastiche* ou paródia. Diálogo ou imitação, em qualquer das formas, essas obras misturam *"a rejeição filial com o respeito"* (Thomas Greene). Que tal fenómeno se torne mais flagrante no que se refere ao cinema (o americano, naturalmente) na década passada é porque, mais do que nunca foi nela que alcançou uma *"sofisticação cultural que permite aos parodistas confiar na competência do leitor (espectador, ouvinte) da paródia"* (op. cit.), isto é, tornar-se cúmplice nesse processo de imitação.

Deste cinema "paródico" (não no sentido de sátira) os filmes da "família" Spielberg são os mais significativos e, em particular nos do seu chefe de fila, os que se libertam das pechas do mimetismo, procurando (e conseguindo) uma *entente cordiale* entre o cinema clássico e a sofisticação do presente. O mesmo não se poderá dizer de todos os seus discípulos, Lawrence Kasdan em particular, a quem, no entanto, tal tipo de cinema tanto deve, como argumentista de **Raiders of the Lost Ark** e de **The Empire Strikes Back**. O equilíbrio

que a primeira aventura de Indiana Jones manifesta, deve mais ao trabalho do realizador. Quando Kasdan se assume também como director, a imitação sobrepõe-se ao diálogo. Que não é apenas característica acidental de **Body Heat** testemunha-o o seu terceiro filme, **Silverado**, albergue espanhol para onde todos os fãs do western levam o que querem.

Não se trata, no caso de **Body Heat** de uma imitação "à letra". Mas nem sempre isso significa, forçosamente, "nostalgia". A prova mais evidente é o admirável filme de Roman Polanski, **Chinatown**. Kasdan transpõe para a época contemporânea uma intriga arquetípica do cinema "negro" dos anos 40. Uma história de crime e paixão tem tanto cabimento hoje como ontem, mas o que tornava peculiar o género que Kasdan imita era, essencialmente, a atmosfera trágica, a presença de um destino "que bate à porta" a pedir contas, um ambiente espesso de fatalismo a que os personagens não se podem furtar. Ao localizar o filme no presente segundo o modelo passado, Kasdan esquece um elemento fundamental nesse clima: a presença da morte sobre os seus personagens, a imanência não de um castigo, mas a da realização total do seu papel de "amantes malditos". Nem Ned Racine nem Matty Walker arriscam tudo por tudo devido à abolição da pena de morte em muitos dos Estados dos EUA. **Body Heat** deixa, por isso, uma sensação de incompletude e a sua conclusão, por mais "moderna" que queira parecer (afinal o crime compensa, mas não era provar o contrário o objectivo do cinema que Kasdan imita) esvazia-se de todo e qualquer sentido dramático. Quase se poderia dizer que, de forma matreira, o realizador sacrificou a dominante trágica a uma possível sequela. Neste tempo em que elas nascem como cogumelos nos locais mais díspares, não espantaria a aparição de uma que nos mostrasse Ned no final do cumprimento da pena (e o tempo já passado desde a realização de **Body Heat** joga a seu favor) procurando Matty para o ajuste de contas. É esta suspensão que empalidece um filme que, de resto, tem muitos motivos de interesse, embora surja muito mais datado do que a belíssima variação sobre o cinema negro que quase vinte anos antes fizera François Truffaut em **Tirez Sur le Pianiste**, ou do genial *tour-de-force* de Mankiewicz em **Sleuth**. E entre ele e os filmes que lhe servem de modelo, **Double Indemnity** de Billy Wilder ou **The Postman Always Rings Twice** de Tay Garnett, vai um abismo.

Essas coisas curiosas têm menos a ver com a atmosfera, muito louvada pela forma como construía um clima de sensualidade, mas cujo artificialismo salta à vista, mesmo com (ou apesar de) as então ousadas sequências eróticas, mais destinadas a encher a vista do que para tipificar os personagens ou mostrar como o desejo é o motor das acções como, apesar de tudo, o conseguia Bob Rafelson na sua nova versão de **The Postman Always Rings Twice** feita no ano seguinte. O trunfo principal de **Body Heat** está antes de mais no elenco onde Kathleen Turner, na sua estreia no cinema, se revela como a herdeira da sensualidade que as actrizes do cinema "negro" faziam sentir, mais pela sua presença do que pelas sequências eróticas que com frequência pontuam o filme de Kasdan. Como nos melhores filmes do género, o destaque vai, muitas vezes, para as figuras secundárias, e três revelam-se peças fundamentais para a identificação com o género, mais até do que os caracteres principais: Richard Crenna, na vítima, Mickey Rourke e Ted Dawson, estes dois em começo de carreira. Em particular Dawson, no promotor que a partir de certa altura parece entrar num jogo de gato e rato (como Edward G. Robinson em **Double Indemnity**).

Apesar dos seus limites e da sensação de artificialismo que por vezes deixa transparecer. **Body Heat** é uma das mais curiosas manifestações da forma como o cinema americano procura estabelecer um "diálogo com o passado".

Manuel Cintra Ferreira